

# O MÉTODO HISTÓRICO EM ETNOLOGIA: EVANS-PRITCHARD E LÉVI-STRAUSS\*

Gilda de Castro Rodrigues (★★)

## INTRODUÇÃO

O objetivo deste estudo é discutir, através da obra de Evans-Pritchard e de Lévi-Strauss, o uso de dados históricos na análise da sociedade e da cultura, identificando os problemas que surgem da fusão da perspectiva histórica com a perspectiva etnográfica, ao abordar as duas situações básicas encontradas pelos antropólogos: as “sociedades primitivas” que não dispõem de escrita, e as “sociedades complexas”, área recentemente explorada pela Etnologia.

## CONSIDERAÇÕES DO PROBLEMA DURANTE O DESENVOLVIMENTO DA ETNOLOGIA

No século passado, a sociedade europeia considerava que o seu modo de vida seria a expressão máxima do desenvolvimento humano. Houve então o interesse em esclarecer a sua longa trajetória, desde quando viviam em “estado de selvageria”, inclusive para demonstrar a sua capacidade superior frente a povos mais “atrasados” que não conseguiam a mesma velocidade no processo irremediável de progredir. Para isso, passaram a investigar as ‘sociedades primitivas’ existentes na época, tomadas como exemplos concretos dos primeiros estágios que os “civilizados” teriam vivido milhares de anos atrás. Surgia assim a Etnologia, com o objetivo de comparar sociedades, identificando o período em que cada uma se encontrava, dentro do modelo unilinear de evolução cultural, proposto por Lewis Morgan em seu livro

---

★ *A versão original deste artigo foi redigida ao final do curso de História da Antropologia II, realizado com o Dr. Roque de Barros Laraia (Pós-Graduação em Antropologia da Universidade de Brasília) a quem agradeço pelas sugestões dadas naquela época (1976).*

★★ *Professora do Departamento de Sociologia e Antropologia da Universidade Federal da Paraíba, Campus de Campina Grande.*

Rev. RAÍZES	Campina Grande	Ano I	Nº 1	pgs. 55 - 70	jul. - dez./ 1982
-------------	----------------	-------	------	--------------	-------------------

'Ancient Society' (1877). Para a realização desse trabalho, partiam de dados colhidos nas "sociedades primitivas" e de documentos históricos ou arqueológicos esparsos, que apresentavam técnicas discutíveis de coleta. As deduções elaboradas a partir desses indícios frágeis, que seriam a base para uma explicação geral da sociedade e para a identificação de princípios que regeriam o desenvolvimento de todas as sociedades, levaram antropólogos posteriores de uma linha rigidamente empiricista a negar o valor que a reconstrução histórica teria para a Etnologia. Sua proposta era de que, ao realizar pesquisas em sociedades que não dispusessem de documentos dos fatos ocorridos anteriormente, o pesquisador deveria se concentrar naquilo que pudesse observar diretamente para se ajustar às exigências do método científico. A validade dos dados era apreciada a partir da observação daqueles princípios, o que eliminava a utilização do método histórico enquanto se estudasse "sociedades primitivas". Assim, os antropólogos se concentraram nos fatos ocorridos durante a pesquisa, não importando a evidência de outros elementos que intervinham ou tivessem intervido para que as coisas chegassem a ser como eram. Além disso, as sociedades tribais deveriam ser estudadas por elas mesmas e não como "laboratórios" que apresentassem como a sociedade européia teria vivido anteriormente.

Este corte metodológico da seqüência temporal era praticado porque o antropólogo não estava instrumentalizado para a análise, dentro dos modelos do positivismo, na falta de elementos evidentes que testemunhassem fatos anteriores à sua chegada ao local de trabalho. Ele estudava sociedades que não tinham materiais objetivos que traduzissem os acontecimentos anteriores. Logo seria necessário eliminar os elementos que pudessem levar a conjecturas e trabalhar apenas com os fatos que pudesse observar diretamente.

Apesar dessa limitação, houve o desenvolvimento de uma metodologia para explicar amplamente uma sociedade, trazendo elementos que proporcionavam uma noção global e profunda de todos os aspectos da vida social. Através de etnografias detalhadas, apresentava-se um grande número de informações seguras, por terem sido obtidas em contatos prolongados do pesquisador com o grupo. A observação e o registro dos acontecimentos cotidianos, mesmo que aparentemente fossem de pouca importância para a análise das relações sociais, eram realizados cuidadosamente. Houve o desenvolvimento de uma sutileza sem paralelo nas outras ciências humanas, para indagar sobre a realidade social de seus informantes e que seriam fundamentais para a análise da organização social. Essa orientação teórica ficou conhe-

cida como funcionalismo, pois se analisava a sociedade humana por analogia a seres vivos e que, através da interligação das funções de suas partes componentes, formasse um todo único e ajustado.

Assim, os pesquisadores que consideravam a Etnologia mais próxima das ciências naturais, não usavam a análise histórica, ao estudar sociedades ágrafas. Pretendendo descobrir leis que regessem o comportamento social, não se interessavam por acontecimentos individuais de uma determinada sociedade e acreditavam que um estudo sincrônico era plenamente satisfatório, pois a sociedade, sendo um “organismo”, encerraria em si todos os elementos que poderiam levar à sua explicação.

Desde que foram iniciados os estudos em “sociedades complexas”, tornou-se necessário ajustar a metodologia antropológica a esta nova situação, pois são grupos que têm uma longa tradição registrada, onde o pesquisador pode resgatar um grande número de dados que o leve a uma análise das relações sociais, identificando as múltiplas interferências de acontecimentos anteriores que tenham sido importantes para o delineamento atual da sociedade. Além disso, é necessário verificar o corpo de idéias que as pessoas têm sobre o passado, pois ele constitui uma parte intrínseca da situação contemporânea e porque várias versões de um mesmo fato são encontradas em grupos diversos que estejam envolvidos na mesma situação, o que viria constituir parte importante nos estudos de ideologia de uma sociedade.

Entraria então uma outra variável nos estudos dos antropólogos, que seria o tempo. Através desta variável, conjugada com a outra tradicional – o espaço – seria possível descobrir o que realmente persiste através das mudanças provocadas por acontecimentos singulares e como as instituições vieram a ser.

Resta saber agora como isto seria importante para um estudo antropológico da sociedade, porque é deste problema que vai depender a ênfase maior na sincronia ou na diacronia. Se a ênfase fica na diacronia, corremos o risco de que o trabalho seja mais um estudo histórico das instituições e enfrentaremos o problema de como isto pode ser relevante para um estudo antropológico. Se, ao contrário, a ênfase for dada à sincronia, é importante verificar a validade da utilização de alguns elementos históricos e os critérios a seguir na seleção desses eventos. Afinal, seria uma busca de responder a um problema crítico: qual a importância real da história para a compreensão da cultura e da sociedade?

Veremos assim como dois teóricos discutiram essa questão.

## E. E. EVANS-PRITCHARD

Apesar de estar classificado entre os antropólogos funcionalistas ingleses, Evans-Pritchard destacou-se pelo interesse na utilização do método histórico, defendendo esta abordagem em várias publicações.

Iniciando a análise de suas proposições, parece ser possível destacar dois postulados para mostrar a importância que ele atribuía à perspectiva histórica. O primeiro é de que a história é um processo e o passado está contido no presente (Evans-Pritchard, 1975:237). O outro é de que a história tradicional de um povo é importante porque faz parte do pensamento dos homens vivos e, por conseguinte, da vida social que o antropólogo pode observar diretamente (Evans-Pritchard, 1974b:50). Através dessas considerações, podemos deduzir como Evans-Pritchard privilegiava a perspectiva histórica para a análise do presente e de como ele considerava limitados os estudos sincrônicos que não poderiam apresentar uma análise plena dos fenômenos atuais, se não verificavam as muitas implicações dos fatos históricos no comportamento e na visão de mundo de uma determinada sociedade.

Justamente porque ele acreditava que, conhecendo o passado da sociedade, poderíamos conseguir uma compreensão mais profunda da natureza de sua vida social no presente, propunha a análise histórica, para que, entre outras vantagens, fosse possível estudar o clima de opinião em relação aos fatos acontecidos que se modifica junto às grandes mudanças políticas e sociais em geral (Evans-Pritchard, 1974b: 57), podendo captar o grau de aceitação ou rejeição do evento e a sua influência no pensamento atual da sociedade

Logo, sua proposta é de como a história de uma sociedade ou instituição é importante para o seu estudo funcional e como só é possível compreendê-las plenamente quando elas são observadas também retrospectivamente (Evans-Pritchard, 1974b: 56). É assim que podemos verificar outra tese importante que ele defendia, quando propunha que uma instituição não poderia ser explicada em termos de sua origem, pois o conhecimento de sua história auxilia, mas não pode esclarecer como ela funciona na vida real. Isto nos leva a compreender como Evans-Pritchard defende a utilização do método histórico na Antropologia. Para ele, a vida social não pode ser compreendida através do desconhecimento de seu passado, porque o seu conhe-

cimento possibilita compreendê-la mais completamente do que seria possível se desconhecemos o passado. Isto mostra que ele defende o ponto-de-vista de que o método histórico pode e deve ser um complemento nas pesquisas da Antropologia Social, mas que não deve ser o único nem o mais relevante. Assim, podemos considerar a sua preocupação em eliminar as limitações que existem nos trabalhos antropológicos quando eles se reduzem à abordagem sincrônica, procurando ampliar os horizontes e buscar novas indagações que não têm sido feitas. justamente devido a esses problemas. Um dos exemplos que ele forneceu para essa questão é de que o antropólogo não tem perguntado porque, entre alguns povos, as tradições históricas são ricas e, entre outros, são pobres e que tipo de acontecimento é recordado e a que vinculações e direitos sociais se referem (Evans-Pritchard, 1974b: 51).

Além disso, ele acreditava que, através do método histórico, poderíamos descobrir afinal quais são as potencialidades e qualidades duradouras da sociedade. Isto seria importante para Evans-Pritchard, porque, segundo ele, grandes mudanças sociais podem ocorrer sem que ninguém tenha consciência disso (Evans-Pritchard, 1974b: 56).

Não aceitando o ponto-de-vista de outros antropólogos sociais ingleses de que não é tarefa da Etnologia investigar a história das sociedades que estudam e de que o conhecimento de sua história não auxiliaria a compreensão do funcionamento de suas instituições (idem, 1975: 236), ele apontou vários problemas que têm surgido dessa postura, tais como:

1. A excessiva preocupação com os estudos sincrônicos nos tem impedido de verificar a validade de algumas proposições básicas, levando a uma analogia rígida com as ciências naturais que se tornou perigosa, pois a sociedade é uma entidade dinâmica, portanto diferente de seres biológicos, e, podendo mudar, acarretaria alteração na sua estrutura.

2. A estrutura somente pode ter pleno sentido quando é utilizada como expressão histórica para designar um conjunto de relações que têm existido durante um considerável período de tempo.

3. Os antropólogos têm sido pouco críticos com as fontes documentais, justamente por não estarem treinados para lidar com este tipo de fonte.

4. Eles têm feito pouco esforço para reconstruir com documentos históricos e a tradição oral, o passado do povo que estudam.

5. Continuam com a impressão de que, antes da dominação européia,

os 'povos primitivos' eram mais ou menos estáticos (Evans-Pritchard, 1974b: 48-50).

Evans-Pritchard acreditava que foi uma excessiva atenção dada ao trabalho de campo e um interesse demasiado nos "povos primitivos" que determinaram a atitude dos antropólogos ingleses a dar pouca atenção à investigação histórica, pois houve dois fatores que influenciaram na adoção desta perspectiva. O primeiro seria um esnobismo que despertou no desejo de persistir na linha dos cientistas naturalistas e o segundo seria pelo problema de haver poucos historiadores sociais e poucos antropólogos que estudassem numa perspectiva histórica sem ser especulação evolucionista. Além disso, é bom lembrar, que a maioria das pesquisas foi realizada entre grupos onde faltavam (ou eram insuficientes) documentos históricos e que, quando há oportunidade para a utilização do método histórico, os antropólogos não têm se interessado em aproveitá-la. Algumas tentativas que surgiram para se dar mais atenção à história dos "povos primitivos", não têm passado, muitas vezes, da coleta de antecedentes históricos. Isto estaria ocorrendo porque os antropólogos não têm aprendido a tratar sociologicamente o material histórico (Evans-Pritchard, 1974b: 49).

Procurando mostrar justamente a proximidade da História com a Etnologia, o que poderia discutir a validade de separar tão rigidamente os dois campos de trabalho, como tem ocorrido, Evans-Pritchard apresenta as semelhanças e as diferenças que existiriam entre elas:

1. Não há diferença de objetivos e métodos, porque ambas tratam fundamentalmente de fazer o mesmo: traduzir um conjunto de idéias em termos de outro, de maneira que apareça inteligível, empregando meios similares para conseguir esse fim. O antropólogo tem um estudo de primeira mão e o historiador o tem através de documentos. Isto seria apenas uma diferença técnica, mas não metodológica.

2. Não há diferença vital entre o antropólogo analisar durante um período curto de tempo, porque o historiador também estuda poucos anos.

3. Não é uma diferença importante o fato de que o antropólogo estuda em geral sociedades pequenas e o historiador estuda as sociedades maiores.

4. Não é significativo, metodologicamente, que os escritos da Antropologia das "sociedades primitivas" sejam ignorados pelos historiadores. Afinal, os historiadores têm descuidado, mesmo quando orientados sociologicamente, das relações domésticas ou de comunidade (Evans-Pritchard, 1974b: 59-60).

Por outro lado, Evans-Pritchard acredita que os historiadores sociais e os antropólogos estão cientes de que qualquer acontecimento tem tanto o caráter de singularidade como o de generalidade e que ambos têm que ser considerados em sua interpretação. Se não se reconhece a especificidade de um fato, a generalização torna-se tão ampla que perde toda a significação. Ao mesmo tempo, os acontecimentos têm também um grau de regularidade e constância, como pertencentes a um certo tipo de acontecimento com muitos traços em comum (Evans-Pritchard, 1974b: 47-48).

A diferença importante é que os escritos históricos sobre temas como magia e família, não procuram compreender muitos dos problemas familiares aos antropólogos, pela preocupação especial e experiência de campo destes. As perguntas que temos aprendido a fazer que surgem do contato da pessoa com a realidade social, são obrigatórias pela pressão da situação, mas não são tidas em conta pelos historiadores. Os documentos também não produzem o abundante material que estamos acostumados, porque podemos observar o comportamento diretamente e elaborar questões que despertam respostas e comentários. Na prática, tendemos a focar nossos dados de um ângulo diferente e, em consequência, a escrever sobre eles de maneira diferente (Evans-Pritchard 1974b: 60-61).

Haveria ainda uma diferença de orientação entre a Antropologia e a História, pois esta escreve, para, à luz do conhecimento obtido sobre o passado, poder interpretar o presente, enquanto aquela faz um estudo do presente para interpretar as fases de seu desenvolvimento no passado (Evans-Pritchard, 1974b: 61-62). O que realmente ocorre é que o historiador interpreta o passado em termos de sua própria existência no presente. A sua preocupação básica é com o passado, mas dando por suposto o presente, enquanto o antropólogo se preocupa com o presente, dando por suposto o passado. Além disso, este investiga o passado apenas para descobrir se, o que indaga do presente, tem sido característica constante por muito tempo, se há interdependência de fatores, se algum mecanismo social é repetitivo e não para explicar o presente por meio de antecedentes e origens (Evans-Pritchard, 1974b: 63).

Segundo Evans-Pritchard, em relação às sociedades complexas, atual campo de trabalho do antropólogo, este precisa escolher deliberadamente entre ignorar ou considerar o seu passado social ao estudar o seu presente social (Evans-Prithcard, 1975: 236). Ele acreditava que há uma tendência para a utilização da história, porque:

1. Há um interesse crescente dos antropólogos pela história, vendo nela um registro de acontecimentos que tem dado origem a mudanças sociais ou uma representação dos acontecimentos no pensamento atual.

2. Os antropólogos estão agora mais interessados em sociedades e culturas extremamente dinâmicas, onde a história não pode ser ignorada.

3. A busca de leis através do método comparativo tem sido abandonada.

4. Os antropólogos podem contribuir para os estudos históricos e é provável que os historiadores passem a estudar outras sociedades que não são a sua (Evans-Pritchard, 1974b: 66). Há historiadores sociais interessados em instituições sociais, movimentos de massa e grandes mudanças culturais (Idem, 46). Neste aspecto, a história não seria uma sucessão de acontecimentos, mas as relações entre eles. Eles buscariam regularidades, tendências, tipos e seqüências típicas, dentro de um contexto histórico e cultural.

Segundo Evans-Pritchard, as interpretações de acordo com linhas funcionalistas (do presente em termos do presente) e linhas históricas (do presente em termos do passado) podem ser combinadas, mas não temos ainda aprendido a fazê-lo satisfatoriamente, apesar de somente até certo ponto ser possível compreender as condições sociais de uma sociedade de hoje em termos do conjunto atual de relações sociais, porque estas são a culminância de múltiplas mudanças históricas (Evans-Pritchard, 1974: 63).

## CLAUDE LÉVI-STRAUSS

Lévi-Strauss é o principal teórico da linha estruturalista em Etnologia, tendo elaborado considerações importantes sobre os objetivos e a metodologia dessa ciência.

Segundo ele, todas as ciências sociais devem adotar uma perspectiva temporal e elas se distinguiriam pelo emprego de duas categorias de tempo diversas: o tempo mecânico e o tempo estatístico.

O tempo mecânico seria empregado fundamentalmente pela Etnologia e pode ser caracterizado por ser reversível e não-cumulativo. Ou seja, o seu campo de investigação se situa no comportamento diário, através das atitudes que se repetem rotineiramente dentro de um mesmo modelo.

O tempo estatístico seria empregado pela História e pode ser caracterizado por ser irreversível e com orientação determinada. Logo, o seu campo de investigação se situa no comportamento extraordinário, que não

apresentará repetitividade, seguindo um objetivo definido que terá uma consequência única. Justamente devido a essa especificidade do fato ele será privilegiado para a análise histórica. (1)

É neste ponto que estaria a delimitação dos dois campos de estudo, porque a Etnologia, buscando explicar a sociedade e a cultura, lança mão da homogeneidade dos fenômenos que vai transparecer na repetição sistemática das atitudes das pessoas, enquanto a História busca a singularidade, podendo portanto se ater aos fenômenos diacrônicos.

Logo, é possível verificar que Lévi-Strauss atribui importância ao método histórico, mas não vai usá-lo em seus trabalhos devido ao interesse específico de seus estudos. Ele reconhece que tempo e espaço são dois sistemas de referência que permitem pensar as relações sociais e que não é verdade que considerações históricas e geográficas não tenham valor para os estudos estruturais. Ele afirma que um conhecimento do passado é essencial para a compreensão de qualquer fenômeno social, pois, como os antropólogos buscam as generalizações, somente traçando a história de uma sociedade é que podemos determinar qual de fato é a sua estrutura permanente. Logo o método histórico não é de modo algum incompatível com uma atitude estrutural (Lévi-Strauss, 1970a. 314).

Sua teoria se centraliza na proposta de que a Etnologia deve ter como finalidade precípua o estudo do inconsciente, ou seja, deve buscar o conhecimento dos modelos que informam as relações sociais.

Ao mesmo tempo, a História organiza seus dados em relação às expressões conscientes. Mesmo assim, "a etnologia não pode permanecer indiferente aos processos históricos e às expressões mais altamente conscientes dos fenômenos sociais" (Lévi-Strauss, 1970a: 41) porque são duas perspectivas complementares e ambas têm um mesmo objetivo que é reconstituir exatamente o que passou e passa na sociedade, lidando com representações.

Outras semelhanças existem entre a Etnologia e a História, pois elas têm em comum:

- o objeto de investigação: a vida social
- o objetivo: compreensão melhor do homem
- o método: que varia apenas na dosagem dos processos de pesquisa (Lévi-Strauss, 1970a: 35).

---

(1) *Veja a conceituação de tempo estatístico e tempo mecânico em Lévi-Strauss (1970a: 309-310).*

Além disso, ambas estudam outras sociedades que não aquela em que vivemos. A diferença que uma diverge no tempo e a outra no espaço é secundária em relação à similitude das posições (Lévi-Strauss 1970a: 33-34).

Lévi-Strauss sustenta que o estudo diacrônico da História e o estudo transcultural, mas sincrônico da Etnologia, são dois métodos alternativos de fazer a mesma coisa e que, quando a História assume a forma de recompilação de eventos passados, ela faz parte do presente do pensador, não do seu passado (Leach, 1973: 16).

De qualquer forma, como sua preocupação básica é a 'natureza inconsciente dos fenômenos coletivos', procurando descobrir princípios de formação intelectual que sejam universalmente válidos para todas as mentes humanas (Leach, 1973: 54), mais do que apurar a organização de qualquer sociedade ou classe de sociedades, ele vai recusar dar à História um sentido privilegiado. Ele vai empenhar-se em estabelecer fatos que sejam universalmente verdadeiros sobre o 'espírito humano', através do estudo do inconsciente que é o conjunto das estruturas 'intemporais', sejam eles do homem normal, primitivo ou civilizado, seja do psicopata. Assim, ao se ligar à estrutura, afastando-se da gênese, da história e da função, quando não da própria atividade do sujeito, é evidente que entra em conflito com as tendências centrais do pensamento dialético. Tanto é que os maiores críticos de Lévi-Strauss são os que dão à história a prioridade em seus trabalhos de análise e explicação. O que não se deve esquecer, entretanto, é que a Antropologia Estrutural proposta por Lévi-Strauss estudaria a superestrutura, preocupando-se basicamente com as estruturas que não se confundem com o sistema de interações observáveis, apesar de constituir em fonte de relações. Enquanto isso, as outras ciências sociais, inclusive a História estudariam a infra-estrutura, ficando ao nível das relações sociais concretas. Desta forma, elas devem se fixar nos acontecimentos que se sucedem permanentemente na sociedade.

## CONCLUSÃO

Na argumentação de Evans-Pritchard, é possível observar que ele estava preocupado fundamentalmente com as relações sociais. Ele pretendia conseguir uma explicação ampla para as instituições e acreditava que isto é possível se, junto aos estudos sobre o momento atual, procurássemos descobrir a origem e o desenvolvimento das instituições.

Isto seria válido e também vantajoso, porque a perspectiva histórica se constitui num campo importante para a pesquisa, onde é possível descobrir fatos que normalmente não seriam detetados apenas no estudo sincrônico. Este tipo de situação seria mais importante quando estudamos a nossa própria sociedade e, portanto, onde é mais difícil descobrir os elementos básicos pela longa familiaridade. Enquanto isso, a perspectiva histórica nos dá condições para a comparação, porque a sociedade anterior pode ser tão estranha para nós como uma sociedade que difere da nossa no espaço. Além disso, Evans-Pritchard acreditava que eventos passados podem ter uma influência no pensamento atual e nas atuais relações sociais. Logo, seria importante procurar descobrir os fatos anteriores, que viriam esclarecer a própria natureza da instituição atual. Mas, em nenhum momento, Evans-Pritchard reduziu sua proposta em analisar apenas o encadeamento dos acontecimentos nem pensava que, somente esclarecendo o desenvolvimento da instituição, teríamos a explicação desses fenômenos. Ele ainda reconhecia que o estudo numa perspectiva histórica nas sociedades 'primitivas' é problemático, porque ali a evidência histórica é falha.

Assim, enquanto Evans-Pritchard trabalhava no nível das relações sociais, Lévi-Strauss trabalha num outro nível de abstração. Para ele, a história se constituiria fundamentalmente no estudo das infra-estruturas da sociedade e a Antropologia Estrutural deve se voltar basicamente para a superestrutura. Isto leva-o a duas posições fundamentais:

1. A se prender ao tempo mecânico, porque ele se preocupa em descobrir as regularidades de um fenômeno que levariam aos princípios gerais e, portanto, aos elementos fundamentais que informam o comportamento humano. Ele se prende assim à ampla regularidade e à receptividade dos fenômenos sociais.

2. A considerar a história um elemento importante, mas não usá-la. Assim, ele diz que, os que ignoram a história, se condenam a não conhecer o presente, porque o desenvolvimento histórico é o único que nos permite ponderar e valorizar os elementos atuais em suas relações respectivas. Mas, ao mesmo tempo, o estudo histórico se volta para o tempo estatístico que leva em conta os fatos singulares, portanto impossíveis de, através deles, chegar ao conhecimento de princípios gerais do espírito humano.

Logo, Lévi-Strauss reconhece o valor da história, mas não a usa como método de trabalho, porque considera que a Antropologia deve se voltar para uma outra problemática. Ou seja, os antropólogos devem procurar a estrutu-

ra subjacente e inconsciente por detrás das relações sociais concretas que só poderá ser obtida pela construção dedutiva de modelos abstratos. Disso, resulta um ponto-de-vista sincrônico, que é motivado pelo desejo de ignorar a evolução de crenças e costumes; as normas resultam das estruturas que são permanentes, sendo portanto um tal sincronismo de certo modo a expressão de um diacronismo invariante. Mesmo que a história introduza mudanças nas "estruturas" diacrônicas, isto não afetará o intelecto humano. Da mesma maneira que, para Lévi-Strauss, todas as versões do mito se equivalem, não importando a especificidade do fato histórico, mas a estrutura da sociedade.

Desse tipo de opinião, origina-se outra diferença em relação à teoria de Evans-Pritchard: enquanto este estava interessado num conjunto particular de relações sociais interligadas num momento dado e defende o princípio de que os antropólogos sociais deveriam se limitar às regularidades, abstenendo-se de descobrir leis, devido à natureza dos fenômenos que estudam, Lévi-Strauss se preocupa também com os fatos que se repetem, mas para chegar aos princípios fundamentais do espírito humano. Ou seja, Evans-Pritchard parte do princípio de que o conhecimento da evolução do fenômeno vai levá-lo ao conhecimento mais amplo desse fenômeno em si. Lévi-Strauss toma esses fenômenos num momento dado que vão levá-lo à descoberta dos princípios básicos por eles mesmos, mas não se interessa pela evolução, porque ela não é significativa ao nível dos modelos mecânicos. Além disto, não seria importante a disposição cronológica dos eventos, porque o que interessaria realmente seria a disposição estrutural dos eventos em qualquer momento.

Assim, Evans-Pritchard estava no nível do mundo empírico e se preocupava com os fenômenos como eles são, o que lhe daria o conhecimento da realidade, enquanto Lévi-Strauss se preocupa com o mundo empírico apenas como uma forma de levá-lo a outro conhecimento num nível de abstração maior. Isto ocorre porque ele acredita que as relações sociais se constituem na matéria-prima empregada para a construção dos modelos que tornam manifesta a própria estrutura social (Lévi-Strauss, 1970 a : 301).

Sistematizando as opiniões dos dois autores, podemos dizer que:

— ambos atribuem à história um papel importante dentro da explicação do sistema de relações sociais, embora não lhe atribuam a mesma posição relativa em seus sistemas explicativos,

— para Evans-Pritchard, a história seria uma forma auxiliar para a explicação das atuais relações sociais; para Lévi-Strauss, a história explica a

infra-estrutura — as relações sociais — que vai levá-lo ao conhecimento da superestrutura;

— Evans-Pritchard estava preocupado apenas com a explicação das relações sociais, enquanto Lévi-Strauss está preocupado em conhecer os modelos que informam as relações sociais;

— enquanto Evans-Pritchard considerava a Antropologia diferente da História porque aquela é um estudo direto da vida social, enquanto esta é um estudo indireto a partir de fontes documentais, Lévi-Strauss propõe que tanto a Etnografia como a Etnologia são duas etapas de uma mesma pesquisa que terminam com modelos mecânicos e a História é um estudo que termina com modelos estatísticos (Lévi-Strauss, 1970a: 309). Aí ambos talvez se aproximem, apesar de que é de maneira indireta, quando Evans-Pritchard reconhecia que a Antropologia visaria mais a comparação e a generalização do que a História.

— Eles divergem na forma de utilização da história: para Evans-Pritchard ela é um elemento explicativo diretamente ligado à forma que ele usa para explicar a sociedade e as relações sociais, sendo um recurso importante para o antropólogo, enquanto, para Lévi-Strauss, é parte do sistema de relações que serve de suporte para a compreensão das estruturas, mas que isso é tarefa do historiador e não do antropólogo estrutural.

— Apesar de que Evans-Pritchard não está de acordo com Lévi-Strauss em sua demarcação das respectivas esferas da história e da antropologia social, Evans-Pritchard concorda com ele de que a diferença entre as duas disciplinas é de orientação e não de objetivo e que ambas são indissociáveis (Evans-Pritchard, 1974b: 67).

É importante assinalar que uma limitação enfrentada pelo antropólogo na utilização do método histórico, é que a história escrita não é suficientemente ampla para o estudo de um período particular no enfoque da Antropologia Social, porque não se registram os acontecimentos cotidianos, mas apenas os eventos políticos importantes que se caracterizam pela sua raridade. Há poucas informações sobre as normas da vida diária da comunidade. Além disso, quando tentamos nos apoiar na história “real”, nos “fatos”, pode ser que estejamos utilizando uma certa “interpretação”, uma determinada “filosofia da história”. Há ainda a dificuldade para separar história de mito. Se distinguirmos dizendo que a história é verdadeira e o mito é falso, isto será inteiramente arbitrário. Um relato pode ser verdadeiro, porém de caráter mítico ou pode ser falso, mas de caráter histórico

(Evans-Pritchard, 1974b: 52). Há fatos históricos que foram transformados em mitológicos e como quase todas as sociedades humanas possuem um "corpus" de tradição sobre o seu próprio passado, é muito difícil tentar separar os acontecimentos míticos dos históricos.

É necessário concordar com Evans-Pritchard quando ele afirma que a história é importante porque ela toma parte do pensamento dos homens vivos e da vida social. Realmente, através de seus estudos, poderíamos vir a descobrir as razões de determinadas atitudes do grupo frente a certos problemas atuais.

Também devemos aceitar que o método histórico é apenas um complemento para o estudo antropológico. Assim, poderíamos ter uma análise mais rica, que, segundo Van Velsen (1967: 149), seria entrelaçar uma análise sincrônica de princípios estruturais gerais com uma análise diacrônica da operação desses princípios por atores específicos em situações específicas. Só assim poderíamos verificar o que realmente permanece e como permanece na estrutura social, além de que isso nos aponta, na realidade, a manipulação que os atores da vida social realizam de suas normas culturais.

Finalizando, podemos dizer que Lévi-Strauss apresenta-nos uma proposta mais ampla de análise, pois ele não ignora a importância da história para o estudo das relações sociais e, ao mesmo tempo, sugere um outro nível de investigação que seria a identificação dos modelos que informam as relações sociais. Temos então um campo específico para a Etnologia, que vai se diferenciar do campo das outras ciências sociais, para que, em outros momentos, haja a conjugação da análise estrutural com a "praxis" da história, dando-nos um conhecimento maior da realidade.

## BIBLIOGRAFIA

- EVANS-PRITCHARD, E. E. 1974a – “Antropologia Social: Pasado y Presente” in *Ensayos de Antropologia Social*. Madrid: Siglo XXI de España Ed. SA. 1974b – “Antropologia e História” in op. cit. 1975 – “Antropologia Social” in Alba Zaluar Guimarães: *Desvendando Máscaras Sociais*. Rio de Janeiro: Liv. Francisco Alves.
- FIRTH, R. 1974 – *Elementos de Organização Social*. Rio: Zahar Ed., pp. 95-101.
- GUIMARÃES, Alba Zaluar. 1975 – *Desvendando Máscaras Sociais*. Rio de Janeiro: Liv. Francisco Alves.
- de HEUSCH, L. 1975 – “Os Pontos de Vista Estruturalistas em Antropologia e Seus Principais Campos de Utilização” in *Antropologia*. Rio de Janeiro: Ed. da Fundação Getúlio Vargas, pp. 45-66.
- KAPLAN, David & MANNERS, Robert. A. 1975 – *Teoria da Cultura*. Rio de Janeiro: Zahar Ed.
- LEACH, Edmund. 1973 – *As Idéias de Lévi-Strauss*. São Paulo: Ed. Cultrix/EDUSP.
- LÉVI-STRAUSS, C. 1970a – *Antropologia Estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2a. edição cap. I e XV.  
1970b – *O Pensamento Selvagem*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, pp. 280-306. 1971 – “Os Limites do Conceito de Estrutura em Etnologia” in R. Bastide: *Usos e Sentidos do Termo ‘Estrutura’*. São Paulo: Herder/EDUSP. 1975 – “Aula Inaugural” in Alba Zaluar Guimarães op. cit.
- LEWIS, I. M. 1970 – Introduction in Lewis (ed.) *History and Social Anthropology*. London: Tavistock Publications, 2a. impressão.
- PIAGET, Jean. 1970 – *O Estruturalismo*. São Paulo: Difusão Européia do Livro.
- PIIT, David C. 1972 – *Using Historical Sources in Anthropology and Sociology*. Holt, Rinehart and Winston, Inc. pp. 3-10.
- POUILLON, Jean. 1968 – “Apresentação: Uma Tentativa de Definição” in Pouillon et alii *Problemas do Estruturalismo*. Rio de Janeiro: Zahar Ed.
- RADCLIFFE-BROWN, A. R. 1975a – *El Método de la Antropologia Social*. Barcelona: Ed. Anagrama, pp. 60-62. 1975b – “A Posição Atual dos Estudos Antropológicos” in Alba Zaluar Guimarães op. cit.
- VANSINA, Jan. s/d – *La Tradición Oral*. Barcelona: Ed. Labor.

VAN VELSEN, J. 1969 - "The Extend-Case Method and Situational Analysis" in Epstein A. L. (ed.): *The Craft of Social Anthropology*. London: Tavistock Publications, 2a. edição.